Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Discurso e desigualdades: a construção mediada da identidade[1]

Discourse and Inequalities: The Mediated Construction of Identity

Juliana Linhares
Giovandro Ferreira

Palavras-chave: discurso; relações de poder; identidade; capacitismo.

1. Introdução

Na medida em que os meios de comunicação se tornam cada vez mais parte do cotidiano dos indivíduos, os discursos midiáticos contribuem com a formação das identidades, com transformações socioculturais, com o processo civilizatório da sociedade e ainda com o fortalecimento da democracia e da cidadania. Quem está à margem do acesso às tecnologias, se encontra cada vez mais excluído da sociedade e de seus direitos. Essa questão se agrava quando se trata do acesso das pessoas surdas ao direito à comunicação, uma vez que a transmissão de informação, hegemonicamente, é pensada para o público ouvinte. A variedade e a disponibilidade de recursos

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

tecnológicos não garantem a transmissão de conteúdo de forma precisa para todos os indivíduos, como previsto em diferentes legislações brasileiras desde a Constituição Federal. Portanto, as pessoas com deficiência auditiva são parte desse universo que comumente se encontra à margem de seus direitos à comunicação, informação, emprego, educação, lazer, saúde, dentre outros.

De acordo com os últimos dados do IBGE sobre pessoas com deficiência, que foram divulgados nos relatórios de 2020, mais de 10 milhões de pessoas no Brasil apresentam algum grau de perda auditiva. Dentre essas, 2,7 milhões têm 100% da audição comprometida (BONITO, 2020). As pessoas surdas representam uma parcela da população que precisa de recursos de acessibilidade para que a comunicação seja efetiva. No Brasil existem leis que amparam os surdos na garantia dessa acessibilidade. No entanto, o não cumprimento das diretrizes contribui com a invisibilidade social desses sujeitos e impede o acesso à informação.

Mesmo em uma sociedade midiatizada, em que as práticas sociais estão cada vez mais interligadas com o uso e as implicações das tecnologias, o acesso não é para todos, o discurso é pensado para poucos e, portanto, deixa de ser compreendido por muitos. No mesmo sentido, nem todas as vozes são ouvidas e representadas. Neste contexto, o objetivo deste resumo é refletir sobre as implicações das práticas sociais mediadas na construção da identidade de pessoas surdas.

2. Discurso e representatividade: ou silenciamento e invisibilidade?

Nos discursos midiatizados, há sentidos que tentam representar o senso comum, na medida em que mantêm tantos outros sentidos invisíveis. Se todo discurso apresenta uma disputa entre o que se diz e o que se silencia, é fundamental reconhecer que os enunciadores precisam de uma compreensão de mundo mais próxima da realidade para a construção de um discurso democrático. Os temas da equidade, da inclusão e dos direitos humanos são premissas da democracia, mas qual a preocupação das empresas

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

de comunicação e de mídia com esses assuntos, que estão nos debates mundiais? Na prática, as medidas adotadas não têm garantido acessibilidade e inclusão aos surdos.

Quando as pessoas com deficiência são representadas, é em uma condição que reforça os estereótipos, incentiva o capacitismo e não representa as pessoas com deficiência como de fato elas são. Isso mostra qual a percepção que se tem delas. São representações estereotipadas e isso tem implicações na forma como elas são vistas pela sociedade e como constroem suas identidades.

O corpo é um marcador de diferenças, resultado de uma construção simbólica e tem relação direta com os padrões de beleza impostos pelas mídias tradicionais. A publicidade, o jornalismo, o audiovisual, as plataformas de redes sociais também são espaços para essa representação que deve quebrar a circulação de estereótipos e contribuir com um olhar humanizado para os diferentes sujeitos. Com a possibilidade de maior circulação de conteúdo em multiplataformas, aumenta também a facilidade de inserir recursos de tecnologias assistivas nos processos comunicacionais. Mas, ainda assim, esses recursos são pouco utilizados. Talvez porque as pessoas com deficiência não sejam vistas como consumidoras, como leitoras, como agentes do discurso. A notícia não é pensada para elas e, consequentemente, não é produzida com discursos acessíveis e representatividade. Considerar essas questões em todo o conteúdo e em todos os meios comunicativos, é se preocupar com a construção de uma sociedade inclusiva, que respeita as diferenças. Além de conquistar um mercado maior e mais diversificado.

3. A construção mediada da identidade

Neste cenário de construção do conhecimento a partir dos dispositivos tecnológicos, que se apresentam como possíveis janelas para a realidade social, e das interações cada vez mais mediadas, as identidades também são construídas, reconfiguradas e compartilhadas na ambiência midiatizada.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A identidade é um processo de construção social marcado pela diferença, que não marca apenas características, ela se sustenta pela exclusão (WOODWARD, 2011). Essas fronteiras supõe relações de poder, que são demarcadas tanto pela falta de representatividade quanto por formas de exclusão social. A fixação de uma determinada identidade como norma é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta nesse campo (WOODWARD, 2011). A construção social sobre a deficiência é um fenômeno dado neste universo. A deficiência existe porque existe também um corpo considerado normal, dentro de um padrão construído socialmente.

Woodward (2011, p. 34) apresenta um debate sobre "política de identidade", que se preocupa em "afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política". As identidades "baseadas na raça, no gênero, na sexualidade e na incapacidade física, por exemplo, atravessam o pertencimento de classe" (WOODWARD, 2011, p. 37) e não podem ser reduzidas à essas marcas.

A partir do uso e da apropriação cada vez maior das tecnologias, a identidade também passa a depender cada vez mais da ambiência midiatizada. Livingstone (2009) ressalta que nossa vida é marcada pela "mediação de tudo". Na mesma perspectiva, Thompson (2011) reforça que a comunicação e as relações estão cada vez mais mediadas em decorrência da midiatização, o que modifica as condições de circulação da informação e na interação entre as pessoas, com implicações nos vínculos afetivos e, consequentemente, na formação da identidade e acesso ao conhecimento, uma vez que a socialização contribui com esses processos.

Mas para além da dependência da interação mediada e de todas as estratégias de aceitação, sobretudo nas redes sociais, a construção da identidade é caracterizada principalmente pelos recursos sociais e culturais de que o sujeito dispõe. E esses recursos não são os mesmos para todos, o que reforça as desigualdades sociais e materiais (THOMPSON, 2011). O acesso a um meio técnico exige competências que

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

irão influenciar na recepção e interpretação da mensagem. Mesmo diante de sociedades midiatizadas, o acesso não é para todos e alguns discursos permanecem silenciados.

A identidade possui elementos que situam o sujeito diante das coletividades, ao passo que também marcam uma posição de singularidade em relação aos outros. A identidade é local e depende, portanto, do espaço e do tempo. Neste sentido, é possível entender que em cada ambiente, em cada plataforma de rede social, o sujeito se apresenta de uma forma com o objetivo de ser aceito por determinados grupos sociais, em uma estratégia de negociação entre imagem e interação. Tudo isso influencia na formação da identidade, que depende das relações interpessoais e da aprovação do outro. No mesmo sentido, Hepp (2017) ressalta que em uma era de midiatização profunda, é preciso existir online, o que influencia nas práticas e relações sociais, que são altamente mediadas.

Se os discursos são construídos a partir dos materiais simbólicos a que o sujeito tem acesso, a ambiência midiatizada vai refletir as desigualdades e os preconceitos encontrados na sociedade. Em uma sociedade desigual, onde as plataformas de redes sociais se apresentam como um espaço importante para a construção de mundo e de realidade social, é importante chamar a atenção para os sujeitos cujas identidades são marginalizadas ou estigmatizadas.

A produção social de conhecimento no contexto da hipermidiatização está profundamente atravessada pelas dinâmicas de circulação, visibilidade e legitimação que operam nas plataformas de redes sociais. Nesse cenário, o conhecimento passa a emergir também de processos colaborativos, descentralizados e continuamente atualizados. Plataformas digitais, algoritmos e práticas de compartilhamento configuram novos regimes de verdade, nos quais a autoridade do saber é frequentemente negociada entre diferentes atores sociais. Assim, a hipermidiatização não apenas amplia o acesso à informação, mas também redefine os critérios de validação do conhecimento, tornando-o mais fluido, disputado e sensível às lógicas de engajamento e visibilidade.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Nesse mesmo contexto, a construção da identidade torna-se cada vez mais mediada por dispositivos tecnológicos e ambientes digitais, que funcionam como espaços de reconhecimento e negociação simbólica. A produção social de conhecimento, nesse sentido, contribui diretamente para a formação dessas identidades, uma vez que relações, discursos, representações e saberes circulantes oferecem repertórios simbólicos a partir dos quais os sujeitos se reconhecem e são reconhecidos. Desse modo, conhecimento e identidade se entrelaçam em um processo dinâmico, no qual a mediação tecnológica tem participação ativa na constituição dos modos de ser, perceber e existir no mundo contemporâneo.

4. Considerações finais

Na medida em que as representações sociais ensinam sobre a construção de mundo, sobre diferentes realidades e acontecimentos, a ausência de representatividade mostra também que a constituição do senso comum, das identidades e realidades são construídas a partir de recortes, de ideologias, de escolhas entre o que deve ou não ser dito, para quem deve ser direcionado o debate e reforçam relações de poder.

Para que as pessoas com deficiência sejam de fato representadas e para que suas demandas sejam atendidas, é fundamental escutá-las e possibilitar sua presença nos meios comunicativos, legislativos e em todas as instâncias da sociedade. É preciso que elas ocupem seu lugar de fala, que se apropriem do direito à comunicação. Esse dever social vem da consciência cidadã que, por sua vez, precisa ser desenvolvida e incentivada desde a formação nos cursos de comunicação, para então os profissionais aplicarem esse conhecimento na construção de notícias, na produção cultural, nos planejamentos e nas campanhas de comunicação, na vida em sociedade.

É importante entender as fissuras que mantêm lacunas nos processos comunicacionais e interacionais em uma sociedade midiatizada. Essas lacunas constroem uma realidade social incompleta (NEVES, 2016), o que reforça as lutas por

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

poder, as desigualdades e os silenciamentos, além de impactar na construção das identidades.

Referências

BONITO, Marco. Jornalismo Digital: reflexões teóricas e práticas educacionais a partir da acessibilidade comunicativa. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 10, n. 26, p.28-39, jun. 2020.

LIVINGSTONE, S. M. On the mediation of everything. **Journal of Communication**, vol. 59, n. 1, p. 1-18, 2009.

NEVES, Manoella. **Cidadania em um mundo conectado.** In: Midiatização e redes digitais: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados. Orgs.: Serge Proulx; Jairo Ferreira; Ana Paula da Rosa. FACOS-UFSM, Santa Maria-RS, 2016. P. 233-249.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis. Ed. Vozes, 12ª edição, 261 p., 2011.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido.** Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Cultrix. Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Katryn Woodward. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.